

(RE)INVENTANDO O APRENDIZADO ATRAVÉS DO AVANÇO TECNOLÓGICO: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO E EXISTENCIAL

Hedlamar Fernandes¹

lattes.cnpq.br/9398911742741951

Hiran Pinel²

: <http://lattes.cnpq.br/2162080666902408>

Resumo

Este estudo foi escrito de forma ensaística e objetiva descrever compreensivamente, numa dimensão discursiva, uma prática educativa, envolvendo o uso do tablet, desenvolvida pelos autores junto a uma criança de seis anos de idade, nomeado “Naruto”, que possui um complexo e raro quadro clínico denominado craniofaringioma causando-lhe a cegueira. Ressaltamos a relevância desta temática em nossos percursos cotidianos, pois, trata-se de uma prática educativa, precedida pela conscientização, resultando numa estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a vida, cuja compreensão conduz a uma ação transformadora pontuada por Freire (2015). Nessa direção, partiremos da compreensão que o fenômeno envolvido nessa prática educativa, é um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. A metodologia utilizada para a realização deste ensaio é o método fenomenológico (RIBEIRO, 2011). A fenomenologia exige uma vivência, um compromisso e respeito à realidade do fenômeno deste estudo, nos libertando da sina de escolher um único caminho. Sendo assim, foi possível descrever, analisar e refletir sobre a prática educativa realizada com a criança na condição de paciente-aluno dentro do ambiente hospitalar. O

1 Doutoranda e mestra em Educação pela UFES/ CE/ PPGE. Bolsista pela CAPES. E-mail: hedlamarfernandes@hotmail.com > lattes.cnpq.br/9398911742741951

2 Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo- PPGE/ CE/ UFES. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo - IP/ USP. Mestre em Educação pela UFES/ PPGE. Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela UFES. Coordenador da pesquisa. E-mail:

referencial teórico se baseia em May (1975), Freire (2015) e Ribeiro (2011). Os resultados apontam que o uso de práticas educativas envolvendo a tecnologia torna-se ferramenta de relevância fundamental na construção do conhecimento do aluno, contribuindo para interação social da criança internada e fortalecendo as relações interpessoais entre ela e o outro.

PALAVRAS CHAVE: Tecnologia; Educação Inclusiva; Prática Educativa, classe hospitalar.

Tecendo diálogos

O estreitamento ou a ampliação do horizonte interior do ser humano não pode ser medido por outra pessoa.
(AXLINE, 1986, p. 26)

Este estudo objetiva descrever compreensivamente, numa dimensão discursiva, uma prática educativa, envolvendo o uso do tablet, desenvolvida pelos autores junto a uma criança de seis anos de idade, automeado “Naruto”, que possui um complexo e raro quadro clínico denominado craniofaringioma³ causando-lhe a cegueira. Tratou-se de uma pesquisa fenomenológica, seguindo Forghieri (2014), e radicalizando com os dois movimentos atitudinais indissociados: envolvimento existencial (epoché) e distanciamento reflexivo (eidos).

Paulo Freire (1921-1997) já dizia que não devemos ser ingênuos apreciadores da tecnologia. Torna-se necessário não idealizar, de um lado, nem a diabolizar, de outro, porém, devemos sempre estar atentos com o avanço tecnológico. Freire (2015) nos ilumina dizendo que “não tenho

³ O craniofaringioma consiste em tumores benignos intracranianos, que podem reaparecer mesmo após intervenção cirúrgica. Também existe a possibilidade dos tumores aderirem a estruturas circunvizinhas ao sistema nervoso central, provocando hidrocefalia (acúmulo de líquido no cérebro), dores de cabeça, problemas de visão, obesidade, disfunção sexual, fadiga, baixa estatura e outros problemas desfavoráveis à qualidade de vida do paciente. Sintomas como déficit cognitivo, apatia e distúrbios de memória também podem se fazer presentes.

dúvidas nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes” (p.85).

Compreendemos assim como Freire, que a prática educativa mediada pelos recursos tecnológicos, como dispositivos à aptidão do professor e do aluno, estabelece-se em valiosos agentes de mudanças para a evolução da qualidade do processo de ensino aprendizagem. Portanto, isso requer que os professores compreendam que ensinar exige competência profissional, bom senso, especificidade humana e disponibilidade para o diálogo, pois, “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, sou aberto ao mundo, me comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Sendo assim, essa abertura ao mundo possibilita desenvolver novas práticas educativas diante dos alunos utilizando novas tecnologias como dispositivo que atendam às necessidades individuais e coletivas, estimulando a construção criativa e a capacidade de reflexão, favorecendo o desenvolvimento da capacidade cognitivo-afetiva, legitimando a autonomia participativa e responsável.

Neste contexto compreende-se que o ato de educar consiste em extrair do indivíduo aquilo que ele pode ser e que provavelmente já se encontra no seu interior, ou seja, limita-se em fazer nascer de dentro do ser humano as potencialidades que ele possui, a fim de que, estabilizando-as, consiga chegar a ser o sujeito que, na verdade, ele pode ser, pois, educar, é necessariamente conduzir o indivíduo a auto- realizar-se.

Para tanto Freire (2014) ressalta que,

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto o leva à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser sujeito dela. Por isso, ninguém educa ninguém (p.34).

Diante dessa citação compreende-se que a educação tem um caráter permanente, pois, não existem seres educados e não educados. Trata-se de um estado de construção constante, pois, o homem está no mundo e com o mundo. May (1975) pontua que,

Somos chamados a realizar algo novo, a enfrentar a terra de ninguém, a penetrar na floresta onde não há trilhas feitas pelo homem, e da qual ninguém jamais voltou que possa nos

servir de guia (...) viver no futuro significa um salto para o desconhecido, uma coragem sem precedentes imediatos e compreendida por poucos (p.8).

A infância tem sido considerada como um período muito rico de experiências para o ser humano, considerado como ser-no-mundo, que se entrega às relações interpessoais na sua cultura, sociedade e história. Ceccim e Carvalho (1997) descrevem a vida na infância como preche de potência, energia, movimentos, modos de ser curiosa e impertinente, provocadora, que se expressa corporalmente, explora o meio imediato, é intelectualmente criativa, dentre outras características.

Nesse contexto, encontramos a doença como uma das barreiras para a aprendizagem e desenvolvimento do ser humano em seus “modos de ser sendo junto ao outro no mundo”⁴, que traz consigo o impacto de sua interligação com o outro, já que o indivíduo é também alteridade.

Rúdio (1990) salienta que,

A doença já é em si mesma, um motivo de real importância para explicar a presença da ansiedade no mundo psicológico do enfermo. Para todo ser humano, a saúde e a doença são valores, respectivamente, positivo e negativo. A doença é a penetração da morte em vida. Está, portanto, a serviço do não-ser e torna-se, por isso ameaçadora (p.47).

A Pedagogia Hospitalar (escolar e não escolar) certamente mantém a criança curiosa de si e das coisas que lhe acontecem, e estudos têm indicado que esse tipo de intervenção tende a melhorias emocionais e cognitivas do sujeito, potencializando sua adesão ao tratamento e facilitando intervenções cirúrgicas muitas vezes invasivas e dolorosas. Esse paciente passa a ser mais ativo, pois sua escola de origem manterá contatos com a professora de Educação Especial na classe hospitalar ou fora dela (nos leitos, por exemplo), e ele saberá e sentirá isso.

A Pedagogia Hospitalar possui eficiências para germinar um elo entre a criança ou o adolescente hospitalizado com o mundo que ficou fora do hospital. Para Fonseca (2002, p.58), “a sala de aula do hospital é a janela por onde a criança se conecta com o mundo.” Um espaço-tempo que poderia ser frio e desconfortante, acaba sendo transformado com a vinda da pedagogia hospitalar.

4 O termo é retirado de Pinel (2010).

Caminhos da pesquisa

Esse estudo aqui-agora advém de uma prática educativa vivida e sentida por um dos autores deste estudo, que, compreende que coisas e pessoas formam o mundo. Sendo assim, as coisas não precisam alcançar seu processo evolutivo, pois, elas simplesmente são e se dedicam ao seu próprio processo de crescimento e de aprendizagem, onde, “os humanos, porém, param à beira da estrada, tentando compreender e entender a sua natureza de tudo que está a sua volta” (RIBEIRO, 2011, p. 42).

A perspectiva metodológica adotada foi de cunho fenomenológico. Augras (1986) pontua que o método fenomenológico propõe caminhos para a compreensão, visando respeitar a complexidade do real e encontrar o sentido dentro do próprio fenômeno, pois, “trata-se de dirigir um novo olhar sobre os diversos vetores que compõem a situação de diagnóstico” (p.17).

O método fenomenológico exigiu de nós um estado de respeito à realidade do sujeito em estudo. Essa perspectiva investigativa deve nos fazer reconhecer que existe um estilo de viver e existir, como modo que há em movimento, um algo que antecede à consciência, sem perder seu referencial com a qual a teoria emana, pois “a fenomenologia nos liberta da sina de ter de escolher um único caminho” (RIBEIRO, 2011, p. 88).

Ainda em Forghieri (2014, p. 18) “a reflexão fenomenológica vai em direção ao ‘mundo da vida’, ao mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos, temos aspirações e agimos, sentindo-nos oras satisfeitos e ora contrariados”.

Augras (1986) pontua que,

A situação do ser no mundo é marcada por estranheza. Nesse sentido, a compreensão do outro não descansa apenas na compreensão de si, mas se justifica a partir da situação do homem como desconhecido de si mesmo. Ou seja: a coexistência é também estranheza. O outro fornece um modelo para a construção da imagem de si. Por ser outro, contudo ele também revela que a imagem de si comporta uma parte igual de alteridade (p.56).

Nesta direção, primeiramente produzimos os dados através de uma vivência, produzida ao lado de um dos pesquisadores – Hedlamar Fernandes (2019). A própria produção de dados, foi realizada sob orientação acadêmica de doutorado.

No decorrer da análise procedeu-se a inúmeras leituras, mergulhos existenciais e ao mesmo tempo uma atitude distanciamento reflexivo, onde se procurou interrogar: O “que é” e “como é” ser paciente-aluno da classe hospitalar, devido a um complexo e raro quadro clínico denominado craniofaringioma causando-lhe a cegueira, tendo diante de si desafios dentro e fora da escola?

Sentimos a necessidade de legitimar uma postura ética, donde daremos devolução dos dados produzidos, de fato é uma produção tão em parceria, que desde o começo o paciente-aluno tem participado.

A visão existencial-fenomenológica que nos marcou no decorrer da prática educativa envolvendo o uso do tablet, nos proporcionou um laço perfeito do absoluto e do relativo, do instantâneo e do durável, nos permitindo enxergar a realidade com um geminado olhar, certamente uma percepção de certezas e com olhar de riscos.

O referencial teórico se baseia em: Augras (1986) que o tem o outro como ser da compreensão, Forghieri (2014), que destaca o ser-no-mundo no tempo e no espaço, bem como Freire (2015) que traz o valor da prática educativa na educação, Ribeiro (2011) que pontua o conceito de mundo e de pessoa, assim como também Rudio (1990) que pontua a ajuda ao outro.

O sujeito da pesquisa, na condição de paciente-aluno, desde o começo do atendimento pedagógico escolar e não escolar, se nomeou como Naruto, já que é fã desse anime japonês, mundialmente reconhecido e premiado. Para começar a compreender quem é e como é o aluno-paciente Naruto, talvez seja importante descrever o personagem no qual ele foi buscar inspiração.

Criado pelo escritor Masashi Kishimoto (1974-), o anime *Naruto* conta a história de Naruto Uzumaki, um jovem ninja, isto é, um lutador estrategista, que se dilui no meio da multidão para espionar seus adversários. Ele busca constantemente reconhecimento e aprovação, e tem um grande sonho: tornar-se um *hokage*, o ninja líder de sua vila, que é amado pela comunidade.

Já o paciente-aluno Naruto tem seis anos de idade e seu quadro clínico de craniofaringioma começou quando ele ainda era muito novo. Inicialmente, a criança se queixava de dores de cabeça constantes, porém os médicos de sua cidade natal, situada no interior do Espírito Santo, nada detectaram. Quando deu entrada no Hospital Estadual Infantil Nossa Senhora da Glória, em Vitória, ele já estava cego e muito debilitado. Até agora, foi submetido a duas cirurgias no cérebro,

indispensáveis, mas altamente invasivas. O paciente é sempre acompanhado por sua mãe, a qual o nomeou de Minata⁵, já que seu pai é um homem ausente, talvez por conta do trabalho e também por ser violento e usuário de drogas⁶

Conhecimentos da Pedagogia Hospitalar

As práticas pedagógicas realizadas dentro da classe hospitalar exigem do professor e da professora segurança, competência e generosidade profissional. O pensamento freireano nos permite pensar esse profissional como um pesquisador sistemático da realidade, um problematizador movido de curiosidade na e para a prática educativa. Sendo essa a sua a função, ele busca novos saberes, abrindo um leque de possibilidades para compreender a escola na vida e a vida como escola.

Nesse contexto, Freire (2015) salienta que,

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer (p.84).

As práticas pedagógicas realizadas dentro do complexo espaço-tempo que é a classe hospitalar exigem que o profissional da educação compreenda que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. O saber que o professor e a professora têm diante de si mesmo é algo encarnado, entrelaçando com o saber de seus pacientes-alunos, que, por sua vez, produz um saber prático, conquistado a partir da experiência.

5 Homenagem a Minato Namikaze, pai de Naruto no anime homônimo. O fato de que Naruto dê a sua mãe e não a seu pai esse nome me parece extremamente significativo.

6 Conforme relato da própria mãe de Naruto, o pai do menino o agrediu quando este defecou, esfregando o rosto dele nas próprias fezes. Por esse e por outros motivos não revelados, Naruto rejeita explicitamente seu pai.

Nesse sentido, é preciso estar aberto para querer bem aos alunos da classe hospitalar, incentivando-os a nutrir-se de coragem, pois essa “é a maneira autêntica de selar o compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.” (FREIRE, 1997, p. 138).

Com efeito, as práticas pedagógicas são um campo de mobilização de saberes e de produção de conhecimento, visto que alunos e professores se informam ao construir e reelaborar seus saberes e fazeres. Ambos fazem a diferença na relação dialógica, contribuindo para o crescimento recíproco dentro da classe hospitalar e atendendo à necessidade mútua de atenção, afeto e desenvolvimento intelectual. Segundo a política do MEC, o espaço-tempo denominado classe hospitalar “é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar (BRASIL, 1994, p. 20).

Sendo assim, pontuamos algumas práticas pedagógicas realizadas com Naruto na classe hospitalar do Hospital Estadual Infantil Nossa Senhora da Glória, que ocorreram em meio a processos estruturadores da vida e da existência da criança, com uma didática focada nos modos-de-ser do paciente aluno.



FIGURA 01: NARUTO ASSISTE O ANIME NO TABLET DA PROFESSORA E EM SEGUIDA DESENHA O PERSONAGEM

Uma dessas atividades foi a proposta de desenho livre sugerida pela professora de Naruto (figura 1), um exercício que possibilita a livre expressão e o autoconhecimento na criança. Como o paciente-aluno é uma criança comunicativa e, portanto, aberta ao diálogo, a professora permitiu que ele revelasse à classe hospitalar sua intimidade e seus conhecimentos, discursando sobre o anime.

Naruto descreveu o anime tal como é sentido e vivido por ele, com um semblante alegre e cheio de gestos. A professora aprimorou seus conhecimentos, pois compreendeu que ensinar exige saber escutar: “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele” (FREIRE, 1997, p.111).

Sentimos que as aprendizagens que ocorreram entre Naruto e sua professora surtiram efeito numa esfera multidisciplinar e também teve repercussão nas vidas das outras crianças presentes, o que potencializou o ensino dentro da classe hospitalar. Os desafios das práticas pedagógicas brotaram como uma força misteriosa, tornando o ensino escolar e não escolar tão desejável quanto rigoroso.

Assim, Naruto foi narrando toda sua vivência, baseada em sua experiência com o anime japonês: “*Eu quero ser como Naruto. Quero ser forte e valente. Quero mandar em tudo, até aqui dentro do hospital.*”. Após essa declaração do paciente-aluno, a professora fez uma intervenção, pedindo ao aluno que desenhasse o personagem Naruto. A professora queria ver, através do desenho do aluno, como era o personagem tal como percebido por seus sentidos.

Com essa prática, a professora compreendeu que aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho, como pontua Gadotti (2003). Tendo Naruto o sonho de ser forte e determinado, a professora trouxe como atividade planejada a exibição de um episódio da série japonesa em seu *tablet*, permitindo-lhe identificar-se com os modos-de-ser do aluno.

A professora precisou se comprometer com sua prática educativa, assistindo ao filme com antecedência, para reforçar o compromisso e a amorosidade consigo mesma e com o outro. Percebe-se que o exercício da curiosidade provoca, convoca e evoca a imaginação, a intuição e as emoções, pois, “o grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem. Limitam-se mutuamente e ao mesmo tempo se complementam” (BOFF, 1999, p.97).

Como o aluno se tornou cego, a professora lançou mão da técnica da audiodescrição⁷, que faz a “tradução” oral de todas as informações que compreendemos visualmente, promovendo a inclusão do paciente-aluno, que necessita de outros meios que não a imagem para compreender e experimentar o mundo. Trata-se de um processo experiencial para ambos, na qual aluno e professor reconstruem o conhecimento a partir de suas práticas, transformando o aprendizado em uma “experiência significativa, algo que o provoca [o aluno], algo que ele pré-sente [presente] que não sairá intacto daquilo que está a lhe penetrar o corpo-alma” (PINEL, 2005, p. 25).

Naruto foi ousado ao assistir o anime e desafiou todos a sua volta, dizendo: “*Essa raposa é horrorosa e chata.*”⁸ A professora aproveitou a oportunidade para descrever como é a raposa de nove caudas e ouviu de Naruto a seguinte frase: “*Não gosto da cor marrom, ela é a cor do galho da árvore que espeta a minha mão*”.

Sentimos que Naruto foi construindo cada vez mais sua autonomia diante da proposta pedagógica. De fato, a presença de filmes como prática pedagógica possibilita estimular, nas crianças, a capacidade de julgamento, sensibilidade e experiência estética. Isso coaduna com a perspectiva de Freire (1997), segundo a qual é necessário priorizar a boniteza nas práticas de ensino, “é preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem compartilho a

7 Audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão consigam compreender conteúdos audiovisuais ou imagens estáticas, como filmes, fotografias, peças de teatro, entre outros.

8 Naruto se refere a um dos personagens do anime, a raposa de nove caudas.

minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela” (p.134).

Provavelmente houve um profundo engajamento escolar entre aluno e professor: ambos construíram um novo sentido através da realização da tarefa proposta, em concordância com Freire (1997). A professora, ao descrever algumas cenas do anime para Naruto, sentiu que o paciente-aluno foi se tornando presença no mundo, “num processo ininterrupto e eterno vivido no cotidiano; o homem aqui é como se fosse uma cartografia: aberto a ser sendo descrito nas suas incompletudes, durante esse processo vivido por si mesmo” (PINEL, 2005, p. 25).

Por sua vez, o aluno, na condição de eterno aprendiz, comentou com a professora, ao ouvir sua descrição do personagem Naruto: “*A roupa dele [Naruto] é bonita professora, ele vence tudo e sua melhor amiga é Sakura⁹, porque ela não deixa Naruto.*”.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas educativas devem estar pautadas na capacidade do profissional da educação de aprender a pensar sobre a realidade da vida. Assim, ao remodelar sua memória educativa, repensar seu percurso pessoal e o modo como ele representa a realidade de cada aluno, a subjetividade do educador é reinventada na relação dialógica e na curiosidade epistemológica.

O aprendizado ocorre entre os múltiplos ensinamentos que estão presentes, inevitavelmente, nas vidas das crianças e que competem ou potencializam o ensino escolar, pois, há sempre concomitâncias de ensino. Nessa direção sentimos que a educação, seja em que qualquer espaço-tempo, torna-se desafiada: tornar o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros ensinamentos que invadem a vida dos alunos.

⁹ Sakura Uchiha é outra personagem do anime *Naruto*. No desenho, Sakura é parte de uma equipe formada por ela, Naruto, Sasuke Uchida e o *sensei* (mestre) Kakashi Hatake.

Um dos pontos que nos levam à compreensão das práticas educativas realizadas dentro de um espaço-tempo complexo como a classe hospitalar é a necessidade de uma relação de amorosidade entre professor e aluno. Ensinar exige querer bem ao educando, principalmente quando o ensino se dá numa classe hospitalar. De fato, como aponta Freire (1997), o professor e a professora precisam querer bem aos seus alunos, bem como devem encorajar uma prática pedagógica “coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, na esperança de um mundo melhor” (FREIRE, 1997, p.110).

As aprendizagens processam entre os diversos ensinamentos que estão presentes, inevitavelmente, nas vidas dos indivíduos e que competem ou potencializam o ensino escolar. Há sempre sincronias de ensino. Sendo assim, percebe-se o desafio da tarefa pedagógica hoje: produzir o ensino escolar tão desejável e vigoroso quanto outros ensinamentos que invadem a vida dos alunos.

Da mesma forma, a atuação do professor e da professora no espaço-tempo da classe hospitalar deve ser permeada de práticas pedagógicas transformadoras, centradas na vida, considerando que o paciente-aluno é um ser-no-mundo que exercita sua liberdade, assumindo tarefas e se posicionando no mundo. Para May (1987) “a liberdade é a capacidade de fazer uma pausa diante dos estímulos de muitas direções e simultâneos, nessa pausa lançando todo seu peso numa reação determinada e não em outra qualquer” (p.75).

Seguindo a proposta de May (1987), a professora de Naruto experienciou a liberdade como uma questão presente e urgente lutando a favor da dignidade da prática docente e testemunhou em suas práticas pedagógicas que há possibilidades de viver com respeito e abertura para o paciente-aluno, criando “pontes” de relação dialógica e permitindo possibilidades de escuta empática. Assim, a prática docente torna-se também, ela mesma, uma atitude profundamente ética: “a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética” (FREIRE, 1997, p.64).

Diante do exposto, compreendemos que a ação docente deve fazer uso de metodologias e práticas capazes de desejar os propósitos possivelmente estabelecidos pelo professor, no âmbito da classe hospitalar, em que esse espaço seja compreendido na sua complexidade, devido a grande diversidade, ou seja, as diferenças individuais de cada paciente-aluno envolvido nesse processo educativo. Contudo podemos compreender que a disciplina do espaço-tempo da classe hospitalar está também relacionada à postura profissional do educador, pois, “cuidar do outro é zelar para que

esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amortização” (BOFF, 1999, p. 139).

REFERÊNCIAS

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: Fenomenologia da situação de Psicodiagnóstico. 7. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

AXLINE, Virginia M. **DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO**. Rio de Janeiro: Agir, 1986. 13ª edição

BOFF, L. **Saber cuidar – ética do ser humano – compaixão pela terra**. 9ª Ed. Vozes, 1999.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília DF, 1994. (Mensagem especial; v. 1)

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança Hospitalizada**: atenção integral como escuta à vida. Porto Alegre: EDUFRGS, 1997.

FONSECA, E. S. da. Atendimento escolar hospitalar: o trabalho pedagógico- educacional no ambiente hospitalar. A criança doente também estuda e aprende. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**; fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro – São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Criciúma: Etiketa, 2003.

MAY, R. **A coragem de Criar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª Edição, 1975.

_____. **Liberdade e Destino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes e uma educação social: cinema, existencialismo e psicopedagogia, processos afetivos e aprendizagem.** Vitória: Do Autor, 2005.

_____. **Modos de ser sendo junto ao outro no mundo: invenção de um discurso fenomenológico-existencial marxista.** 2. ed. Vitória: Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

RÚDIO, F. V. **Compreensão humana e ajuda ao outro.** Petrópolis: Vozes, 1990.

RIBEIRO, J. P. **Conceito de mundo e de pessoa em gestalt-terapia: revisitando o caminho.** São Paulo: Summus, 2011.

Hedlamar Fernandes é graduada em Pedagogia, mestre e doutoranda em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos”.

Hiran Pinel é licenciado em Psicologia, Pedagogia, Filosofia, Biologia e Matemática e graduado em Formação de Psicólogos. É mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e pós-doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.